



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

A MÍDIA MUNDIAL ESTÁ DE OLHO NO BRASIL. DEPOIS DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES, AGORA É A VEZ DO PAPA FRANCISCO.

NA ONDA DESTA EXPLOÇÃO MUDIÁTICA, O POVO DECIDIU MOSTRAR TAMBÉM AS NOSSAS GRAVES E CRÔNICAS CONTRADIÇÕES.

ESSES EVENTOS PROVARAM QUE PODEMOS RECEBER CELEBRIDADES COM CALOR E GENTILEZA E ORGANIZAR EVENTOS ESPORTIVOS COM PADRÃO INTERNACIONAL.

MOSTRARAM TAMBÉM QUE TRATAMOS NOSSO PRÓPRIO POVO COM DESCASO, OFERECENDO SERVIÇOS PÚBLICOS DE BAIXÍSSIMA QUALIDADE.



CONTRADIÇÕES A mídia mundial está de olho no Brasil. Depois da Copa das Confederações, agora é a vez do Papa Francisco. Na onda desta explosão midiática, o povo decidiu mostrar também as nossas graves e crônicas contradições. Afinal, se podemos receber celebridades com calor e gentileza e organizar eventos esportivos com padrão internacional, por que, então, tratamos nosso próprio povo com descaso, oferecendo serviços públicos de baixíssima qualidade?

COMBUSTÍVEL Os jogos esportivos internacionais, cavados a peso de ouro para serem celebrados no Brasil, acabaram se transformando em combustível para que os brasileiros fossem às ruas demonstrar sua insatisfação com a gestão dos serviços públicos no país. A grandiosidade dos estádios e os valores aviltantes pagos pelas obras revelaram, de um lado, a disponibilidade de caixa para o serviço e, de outro, que o padrão de qualidade empenhado nos estádios era incompatível com a baixa qualidade dos ônibus, das escolas e dos hospitais que servem à população.

INDIGNAÇÃO Ninguém previu que os eventos planejados para serem um cartão de visitas internacional e um orgulho nacional poderiam se transformar no seu oposto e desnudar a vergonhosa condição dos serviços públicos nacionais. Durante um mês, um movimento espontâneo de indignação brotou em todos os estados brasileiros e fez marchar pelas ruas das grandes, médias e pequenas cidades do país uma das maiores e mais vívidas manifestações contra a gestão pública no Brasil.

FUGINDO DO FOCO Os jovens foram às ruas, botaram a boca no trombone contra a ineficiência do Estado, gritaram contra a corrupção e a insegurança pública. Atônito, o governo ficou em silêncio por duas semanas e sem saber o que dizer, inventou um plebiscito para sair do centro das atenções. Jogou no colo do Congresso e do Judiciário uma tarefa impossível de se realizar em tempo hábil. Afinal, preparar um plebiscito para ouvir mais de 130 milhões de eleitores não é tarefa que se faz da noite para o dia. Mais difícil ainda seria colocar em prática o resultado da escolha sem que um debate prévio pudesse nortear as mudanças a serem efetivadas. Na prática, o governo tentou tapar o sol com peneira.

DESVIANDO AS ATENÇÕES O Congresso, por sua vez, quis mostrar serviço. Destrovou a pauta e tratou de atender às ruas no que lhe era mais fácil. Votou pelo fim da PEC 37, o projeto de lei que iria tirar do Ministério Público o poder de investigação nos casos de corrupção. Porém, deixou para depois do recesso a votação sobre os destinos dos recursos do pré-sal, que deveriam ir para a educação. Também prorrogou a discussão sobre a reforma política e o enquadramento da corrupção como crime hediondo. Assim como o governo federal, nosso Congresso também deu um jeito de sair do centro das atenções.

SEM ARTICULAÇÃO Na esteira do clamor social, as corporações e sindicatos também decidiram ir às ruas. Levaram o velho e desgastado discurso de aumento de salário. Não entusiasmaram ninguém e mobilizaram pouca gente. No meio desta confusão, a falta de sensibilidade do governo acabou gerando um problema grave com os médicos nacionais. Para tentar demonstrar eficiência no setor de saúde pública, a presidente decidiu mexer nas regras da profissão e contratar médicos estrangeiros, um gesto que não apenas aviltou a classe médica nacional como também evidenciou falta de projeto e incapacidade de articulação.

MUITO CARO PARA TÃO POUCO O Brasil acordou e os brasileiros entenderam que pagam muito caro para receber tão pouco. Ficou claro também que o governo administra mal os recursos que recebe. Afinal, nossa carga tributária é de 35% do PIB, ou seja, os cofres públicos recebem o equivalente a mais de um terço da riqueza do país. Portanto, dinheiro não falta. O que falta mesmo é combater o desvio de recursos e competência para administrar.

DESMASCARAR As manifestações de junho de 2013 no Brasil escancararam a ineficiência do Estado e a decadência das práticas políticas nacionais. Deram um xeque-mate na classe política e nos partidos que só se aproximam da sociedade para garantir os votos da próxima eleição e perpetuar o poder e os privilégios dos cargos que ocupam. O futuro é uma incógnita, mas a omissão dos políticos e a ineficiência do Estado estarão expostos em 2014. Imagino que, a essas alturas, os marqueteiros devem estar fritando os miolos. Terão que fazer milagres para inventar cara nova para os candidatos a deputado, senador e para os que pleiteiam cargos majoritários. Afinal, em 2014, eles terão que enfrentar as redes sociais e seus milhões de posts. Ferramentas poderosas na arte de desmascarar imagens “faz de conta” e “contos da carochinha” que abundam no clássico horário eleitoral gratuito. Quem viver verá!